

UNINDO SABERES PARA O DESENVOLVIMENTO AGROFLORESTAL INDÍGENA EM RORAIMA: AS EXPERIÊNCIAS DA *INICIATIVA WAZAKA'YE*

Rachel C. Pinho¹, Jessica L. Pedreira¹, Sonia S. Alfaia¹, Clesneide V. Marques², Janete C. Rodrigues², José Nilton Galé³, Maria Deolícia Monteiro⁴, Sidoca Paulo Lopes⁵, Ana Rose S. da Silveira⁵, Kelliane Cruz⁵, Francivânia Leocádio⁵, Marcela F. Batista⁵

¹Iniciativa Wazaka'ye/INPA (wazakaye@contato.com.br); ²EEl Manoel Horácio; ³EEl Inácio Mandulão; ⁴Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol; ⁵Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena/UFRR

Resumo

Em Roraima, comunidades indígenas de várias regiões vêm debatendo a necessidade de aperfeiçoar práticas agroflorestais que permitam um melhor aproveitamento e gestão de suas terras, visando uma produção ecológica que atenda de forma sustentável a população indígena crescente e outros mercados. Nesse contexto surgiu a Iniciativa Wazaka'ye - IW, através de uma parceria do INPA com o Conselho Indígena de Roraima (CIR), Instituto Insikiran/UFRR e outros atores; formando uma rede de trabalho com objetivo de facilitar o diálogo entre conhecimentos técnicos e tradicionais para o desenvolvimento de práticas sustentáveis de uso e manejo da terra. As atividades são realizadas em comunidades indígenas por meio de estudos acadêmicos, publicações e práticas em campo baseados na Agroecologia visando o etnodesenvolvimento.

A implantação e manejo de sistemas agroflorestais compõem uma das principais linhas de trabalho, e este resumo apresentará os resultados de experiências agroflorestais que estão sendo iniciadas em comunidades indígenas do Lavrado (savanas) de Roraima. As experiências tem apontado que sistemas agroflorestais desenvolvidos de maneira participativa não podem seguir um padrão, e sim precisam se adequar às realidades e objetivos de cada comunidade e da área a ser trabalhada.

Palavras chave: agroecologia, etnodesenvolvimento, savanas, lavrado

1. Introdução

Das 32 Terras Indígenas (TIs) presentes em Roraima, 28 se localizam em área de savanas, também conhecidas como "Lavrado", fazendo parte da maior área contínua de savanas da Amazônia, dentro do grande complexo paisagístico "Rio Branco-Rupununi" (Campos, 2011a; Barbosa et al., 2007). Apesar dos sistemas agrícolas indígenas serem secularmente desenvolvidos de maneira sustentável, em pequena escala e com baixo impacto ambiental, o crescimento demográfico nas comunidades indígenas tem provocado um aumento da pressão sobre as áreas de produção e fornecimento de recursos (Miller et al., 2008). A densidade demográfica média nas TIs das savanas roraimenses é de quase 3 habitantes/Km², valor que chega a ser 30 vezes maior do que TIs localizadas em áreas florestais em Roraima e outros estados amazônicos. Esses índices continuam crescendo, exercendo pressão cada vez maior sobre os recursos naturais nas TIs do Lavrado (Campos, 2011b; Frank & Cirino, 2010; Santilli, 1997).

Esses problemas tem sido abordados em assembleias, seminários e planos de gestão indígenas, e também em um contexto nacional a partir da formulação e implementação da PNGATI-Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas (Decreto 7747/12). Em Roraima, comunidades de várias regiões vêm debatendo a necessidade de aperfeiçoar práticas agroflorestais que permitam um melhor aproveitamento e gestão de suas terras, visando uma produção ecológica que atenda de forma sustentável a população indígena crescente e outros mercados. Nesse contexto surge em 2006 o projeto "Guyagrofor" do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e o projeto Agroflor do Instituto Olhar Etnográfico, denominados "Wazaka'ye" pelas comunidades indígenas ("árvore da vida" na língua Macuxi), sendo sucedidos por uma série de outros projetos, consolidando a IW - Iniciativa Wazaka'ye (wazakaye.com.br). Hoje a IW é uma parceria do INPA com o Conselho Indígena de Roraima (CIR), Instituto Insikiran/UFRR, escolas e comunidades indígenas; formando uma rede de trabalho com objetivo de facilitar o diálogo entre conhecimentos técnicos e tradicionais para o desenvolvimento de práticas sustentáveis de uso e manejo da terra. Nos primeiros anos foram desenvolvidos estudos diagnósticos (solos, quintais, capoeiras) e experiências piloto com viveiros de mudas e plantios, e mais recentemente vem ocorrendo a multiplicação dessas práticas nas comunidades, algumas das quais relatadas no presente trabalho. Até o momento foram publicados uma série de materiais didáticos e informativos, além de artigos científicos, dissertações de mestrado, capítulos de livros, monografias, e resumos em congressos.

As atividades são desenvolvidas por meio de estudos e práticas baseados na Agroecologia visando o etnodesenvolvimento. A implantação e manejo de sistemas agroflorestais compõem uma das principais linhas de trabalho, e este resumo apresentará os resultados de experiências agroflorestais que estão sendo iniciadas em comunidades indígenas do Lavrado (savanas) de Roraima.

2. Metodologia

Atualmente a IW desenvolve experiências agroflorestais em três principais comunidades: Barro (TI Raposa Serra do Sol), Guariba (TI Araçá) e Aningal (TI Aningal). Além disso a IW também apóia sistemas agroflorestais conduzidos por estudantes indígenas do curso de Gestão Territorial Indígena da Universidade Federal de Roraima, localizados em mais duas comunidades: Campinarana (TI Tabalascada) e Urucuri (TI Ponta da Serra) (Figura 1).

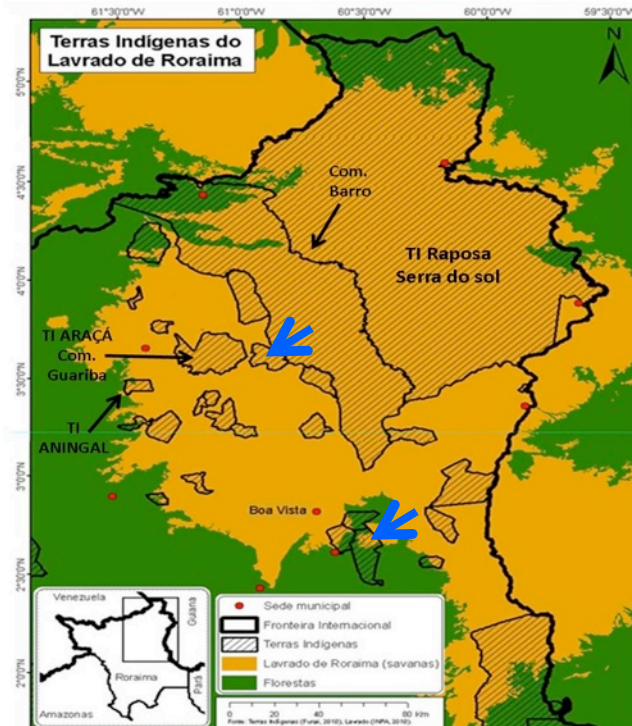


Figura 1. Comunidades indígenas do lavrado (savanas) de Roraima. As setas pretas indicam os locais com experiências agroflorestais recentes desenvolvidas pela IW, e as setas azuis indicam as experiências recentes conduzidas por estudantes universitários indígenas, apoiadas pela IW. (Imagem: Arquivo IW)

As experiências são desenvolvidas em dois principais tipos de ambiente:

- Lavrado (savana) - ocupa a maior área das comunidades, com vegetação predominantemente formada por gramíneas, e solos de baixa fertilidade natural. Nessas áreas houve necessidade de preparo do solo (manual ou mecanizado) e utilização de esterco de gado para adubação dos canteiros (presente nas próprias comunidades). Em uma das comunidades (Urucuri), foi utilizada uma área de antigo curral (caiçara) para plantio, sendo assim não foi necessário transportar o esterco conforme será detalhado nos resultados.
- Ilhas de mata - áreas florestais espalhadas em meio ao lavrado, em forma de ilha, algumas vezes interligadas entre si. Essas áreas de mata possuem solos mais argilosos e com maior fertilidade natural que o lavrado, por isso são utilizadas pelos indígenas para agricultura no sistema de corte-e-queima, e também para caça, coleta e fornecimento de madeira. Os sistemas agroflorestais nessas áreas foram implantados em meio a roça recém-instalada seguindo os meios tradicionais de corte-e-queima, e não foi feita nenhuma adubação. A exceção foi uma área de mata (capoeira) na comunidade Campinarana, onde a vegetação foi retirada manualmente sem queima, e alguns canteiros foram adubados organicamente.

Os sistemas não foram padronizados, e sim implantados de acordo com as particularidades e objetivos de cada comunidade, conforme será descrito nos resultados. Os sistemas foram implantados em 2012 ou 2013, na estação chuvosa (maio/junho) sendo irrigados no primeiro ano. Todas as áreas foram cercadas com tela ou madeira para impedir a entrada de animais,

especialmente o gado, que é tradicionalmente criado pelas comunidades indígenas nos campos naturais do lavrado. As sementes e propágulos das espécies agrícolas foram fornecidas pela própria comunidade, as mudas de espécies arbóreas foram produzidas pelo viveiro comunitário (também apoiado pela IW) e/ou pelo viveiro do Insituto Insikiran de Formação Superior Indígena/UFRR.

3. Resultados

3.1 Experiências agroflorestais no Lavrado (savanas)

3.1.1 CIFCRSS (TI Raposa Serra do Sol)

O CIFCRSS - Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol é uma escola de ensino médio e técnico em agropecuária. Em 2012 a IW realizou um curso de agroecologia e duas feiras estaduais de ciências e sementes tradicionais no CIFCRSS. Essas ações tem como foco atender a demanda das comunidades de apoio à conservação e multiplicação de suas variedades tradicionais, sendo esse um dos principais objetivos das agroflorestas implantadas. Essas áreas foram instaladas durante as I e II Feira de Ciências e Sementes, em junho de 2012 e 2013 respectivamente.

A área foi arada com trator e os canteiros preparados com composto orgânico produzido no CIFCRSS. A primeira agrofloresta sucessional implantada na I Feira começou a produzir logo no primeiro mês, com abobrinha, feijão, maxixe e hortaliças, e seguiu nos meses seguintes com milho, abóbora, macaxeira, maracujá e mamão. Ao final do primeiro ano por uma falha na cerca houve entrada de animais (porco e gado) que pisotearam e consumiram algumas plantas, causando dano significativo. Essa área foi novamente manejada e recuperada, no mesmo momento em que se implantava uma outra área de agrofloresta ao lado, na ocasião da II Feira. As áreas abrigam mais de 20 variedades de maniva (mandioca e macaxeira), variedades de milho, feijão, frutas e madeiras nativas, e foram incorporadas como um dos setores de produção do CIFCRSS (Figura 2).

3.2.2 Comunidade Aningal (TI Aningal)

As mudas de frutas e madeiras produzidas no viveiro da comunidade e da Escola Estadual Indígena (EEI) Inácio Mandulão foram plantadas nas entrelinhas de um plantio de maracujá iniciado um mês antes. O espaçamento adotado foi de 2,5m, intercalando quase 100 árvores madeireiras e fruteiras de diferentes portes. Entre as plantas foram semeados feijão guandu e feijão de porco para adubação verde. Foi realizada adubação em cova com esterco de gado da própria comunidade. O capim nativo roçado foi utilizado como cobertura ao redor das mudas. Todas as atividades em viveiros e plantios são realizadas em aulas práticas da escola, com participação de alunos e professores (Figura 2).

3.3.3 Comunidade Urucuri (TI Ponta da Serra)

Essa experiência é conduzida por uma estudante indígena do curso de Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran/UFRR, procedente desta terra indígena. O plantio foi feito em uma “caiçara”, ou seja, um curral de gado abandonado recentemente. A área estava bem adubada pela presença do gado nos meses anteriores ao plantio. Foi feito o plantio de milho e macaxeira seguindo espaçamento tradicional, e entre elas foram plantadas mudas de frutas e madeireiras, com espaçamento de 3x3m intercalando árvores de diferentes portes. As mudas foram cedidas pelo viveiro do Insikiran. Estão sendo adotadas práticas de manejo para garantir que esse solo continue fértil, com a adubação verde e cobertura constante da terra. A cobertura vegetal foi realizada com folha da palmeira Inajá e capim nativo roçado da área ao lado.

3.2 Experiências agroflorestais em roças em ilhas de mata

3.2.1 Comunidade Aningal (TI Aningal)

Além da experiência no lavrado, essa comunidade também está experimentando um plantio agroflorestal em roça tradicional de corte-e-queima. Na área havia sido plantado milho e mandioca há aproximadamente um mês, entre os quais foram plantadas espécies madeireiras em espaçamento de 3x3m. Enquanto a roça vai produzindo, as árvores irão crescendo, e futuramente quando o local se tornar capoeira, serão essas árvores que farão parte da capoeira, fornecendo madeira, fazendo com que a área continue produtiva mesmo depois que deixar de ser “roça” (Figura 2).

3.2.2 Comunidade Guariba (TI Araçá)

Seguindo esses mesmos princípios, foi implantado um sistema agroflorestal também em uma roça de corte-e-queima em ilha de mata na comunidade Guariba, porém em uma roça de pimentas. Trata-se de uma área do grupo MulheresMil, que conduz um projeto de plantio e beneficiamento de pimentas na comunidade Guariba desde 2012. Nesse mesmo ano iniciou-se um plantio agroflorestal na área, com a inserção de árvores fruteiras e madeireiras em meio à roça, e em 2013 o plantio foi ampliado, com aproximadamente 50 mudas de espécies fruteiras e madeireiras.

3.3.3 Comunidade Campinarana (TI Tabalascada)

Esse é um trabalho conduzido por três acadêmicas do curso Gestão Territorial Indígena do Instituto Insikiran/UFRR em uma área de capoeira que a comunidade selecionou para realizar um plantio agroflorestal. A área foi derrubada manualmente sem o uso do fogo, mantendo de pé árvores úteis, e desde o início do ano a área vem sendo preparada com a adição de materiais orgânicos. Foi realizado o plantio das espécies agrícolas e, entre elas, plantou-se mudas de árvores fruteiras e madeireiras, cedidas pelo viveiro do Instituto Insikiran/UFRR. No mesmo local foram plantadas hortaliças e foi feito um canteiro medicinal. Ao longo de toda a área, plantou-se o feijão-guandu e feijão de porco, para adubação verde.



Figura 2. Experiências agroflorestais no CIFCRSS (esq.) e comunidade Aningal (centro e direita)

4. Conclusões

As experiências tem apontado que sistemas agroflorestais desenvolvidos de maneira participativa não podem seguir um padrão, e sim precisam se adequar às realidades e objetivos de cada comunidade e da área a ser trabalhada. No caso dos sistemas implantados no lavrado, é essencial que a área seja bem cercada pois a entrada de animais (especialmente o gado) é a principal ameaça às plantas.

5. Referências bibliográficas

Barbosa, R.I.; Campos, C.; Pinto, F.; Fearnside, P.M. 2007. The “Lavrados” of Roraima: Biodiversity and Conservation of Brazil’s Amazonian Savannas. *Functional Ecosystems and Communities*, v1, n1, p. 29-41.

Campos, C. (Org). 2011 a. Diversidade socioambiental de Roraima: subsídios para debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 64 p.

Campos, C. 2011 b. Wapixana e Makuxi. As Pequenas TIs de Roraima. In: Ricardo, B.; Ricardo, F. (eds) Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: Instituto Socioambiental, p. 260-263.

Frank, E.H.; Cirino, C.A. 2010. Des-territorialização e re-territorialização dos indígenas de Roraima: uma revisão crítica. In: Barbosa, R.I.; Melo, V.F. (Eds.) Roraima. Homem, ambiente e ecologia. FEMACT, Boa Vista, p. 11-33.

Miller, R.P.; Uguen, K.; Pedri, M.A.; Creado, E.S.J.; Martins, L.L.; Trancoso, R. 2008. Levantamento Etnoambiental das Terras Indígenas do Complexo Macuxi-Wapixana, Roraima, v.1. FUNAI/PPATL/GTZ, Brasília, 192p.